

Quando Fernando Henrique Cardoso chegou aos 80 anos de idade, em junho de 2011, escrevi e publiquei texto que a certa altura dizia:

“Hoje, chegar aos oitenta invernos não é a raridade excepcional de antanho. Muitos – e muitas – o fazem. Mas chegar aos oitenta mantendo extrema lucidez no infindável diálogo entre passado e futuro (seu próprio, do seu país e do mundo) é raro, muito raro. Quando, além disso, se chega aos 80 com invejável sentido de humor, marcante presença na vida política e no debate de temas de interesse público, é quase um desaforo.”

“Pois bem, é o que sempre fez, e faz hoje, nesta idade, o Presidente Fernando Henrique Cardoso, com quem tive o privilégio e o prazer de trabalhar na última década de meus quase quarenta invernos de serviço público. A amizade, que já há muito existia, só fez se consolidar desde então. Espero que, quando o Brasil puder alcançar um mínimo de perspectiva histórica sobre nosso passado recente, se possa fazer justiça a Fernando Henrique Cardoso – à sua pessoa e a seu governo. Que venham os noventa invernos.”

Os noventa invernos chegaram em 2021. E o legado de Fernando Henrique e de seu governo é cada vez mais reconhecido, como tivemos oportunidade de ver há pouco nos inumeráveis eventos comemorativos dos primeiros trinta anos do Plano Real, lançado em março e junho de 1994 e que catapultou FHC à Presidência da República em outubro daquele ano.

O Instituto Fernando Henrique Cardoso foi criado em 2004, com o propósito de se constituir não apenas como um centro de memória histórica, mas também como um lugar de debates sobre democracia e desenvolvimento. A missão do Instituto seria, fundamentalmente, a de “contribuir para ampliar a compreensão e disseminar conhecimento sobre o país e seus desafios — com os olhos atentos para o mundo”.

Em 2010, o Instituto FHC transformou-se em Fundação FHC com o objetivo de assegurar seu estatuto de instituição perene, comprometida com missão tal como defendia em sua origem como também seus três grandes valores: (a) respeito ao pluralismo de

opiniões; (b) crença no debate qualificado de ideias e (c) adesão total à Democracia.

Comemoramos neste ano de 2024 as primeiras duas décadas de um projeto vitorioso. Os responsáveis pela condução tanto do Instituto FHC quanto da Fundação FHC podem e devem sentir justificado orgulho pelo trabalho que fizeram e que farão nas décadas vindouras para perenizar o legado de FHC, contribuir para a melhoria do debate público sobre o Brasil e seu futuro e da preservação da memória nacional.

Lembrando sempre o que escreveu o historiador francês Pierre Nora em seu “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” (1993), “A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações... A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.”

As palavras de Nora sempre me trouxeram à mente o que escreveu o grande T. S. Eliot em seu belíssimo *Burnt Norton (Four Quartets)*. “*O que poderia ter sido é pura abstração / que permanece eterna possibilidade / num mundo apenas de especulação / o que foi e o que poderia ter sido / converge para um só fim que é sempre presente.*”

Pedro Malan, economista, foi ministro da Fazenda (1995-2002), presidente do Banco Central (1993-1994) e negociador-chefe da dívida externa (1991-1993). É autor de ‘*Uma certa ideia do Brasil: Entre passado e futuro*’ (Intrínseca, 2018).